

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Regiane Fagundes

ANÁLISES DE BALANÇOS E SUAS INTERPRETAÇÕES

CURITIBA

2014

Regiane Fagundes

ANÁLISE DE BALANÇOS E SUAS INTERPRETAÇÕES

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de pós-graduação *lato sensu*, em nível de especialização, MBA - Auditoria Integral, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dra. Ilse Maria Beuren

CURITIBA

2014

Aos meus pais, Otavio e Sonia, pelo amor, dedicação, ensinamentos, e pelo apoio incondicional em todos os momentos de minha vida, é com muita satisfação que lhes dedico inteiramente esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela vida, pela sabedoria, e pela saúde que me deste para que eu pudesse chegar até aqui, por todas as conquistas profissionais e pessoais que tens me proporcionado, deixo aqui o mais sincero agradecimento por tudo.

À minha orientadora, Dra. Ilse Maria Beuren, pela atenção, dedicação e sugestões para o enriquecimento dessa monografia.

Aos demais que contribuíram com um gesto, uma palavra de incentivo e até mesmo com sugestões na elaboração do escopo do trabalho, externo aqui meu muito obrigada.

“Não existem sonhos impossíveis para aqueles que realmente acreditam que o poder realizador reside no interior de cada ser humano, sempre que alguém descobre esse poder algo antes considerado impossível se torna realidade”.

(ALBERT EINSTEIN)

RESUMO

Este estudo objetiva demonstrar as técnicas de análises das demonstrações contábeis, verificando a sua importância para o conhecimento econômico-financeiro da companhia. Para tal, pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa foi realizada, por meio de pesquisa documental. O objeto de análise pautou-se no estudo da situação econômico-financeira da empresa Forjas Taurus S/A, no período de 2010 a 2012. A principal finalidade dessa técnica é o acompanhamento dos indicadores para que o processo de tomada de decisão seja eficaz, tanto para gestores como para investidores. A partir do momento que uma companhia possui ações no mercado financeiro, uma alternativa interessante de suporte ao investidor sobre a melhor forma de decidir em investir ou não na empresa, é o acompanhamento dos demonstrativos da companhia. Assim, sua análise se torna fator relevante para verificar se a empresa é rentável, e se o nível de solvência corresponde com a expectativa do investidor. A relevância da análise econômico-financeira para os gestores é identificar os pontos fracos e fortes da companhia, assim possibilitando ao gestor quais medidas deveram ser tomadas.

Palavras-chave: Análise econômico-financeira. Indicadores econômico-financeiros. Demonstrações Contábeis.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Constructo da pesquisa.....	34
QUADRO 2 – Tipos de análises de balanços.....	35
QUADRO 3 – Ciclo Financeiro.....	48
QUADRO 4 – Ciclo Econômico.....	49
QUADRO 5 – Ciclo Operacional.....	49

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Balanço Patrimonial - Ativo da controladora.....	36
TABELA 2 – Balanço Patrimonial - Passivo da controladora.....	37
TABELA 3 – Demonstração do Resultado do Exercício da controladora.....	37
TABELA 4 – Análise vertical e horizontal - Ativo da controladora.....	38
TABELA 5 – Análise vertical e horizontal - Passivo da controladora.....	39
TABELA 6 – Análise vertical e horizontal da Demonstração do Resultado do Exercício.....	40
TABELA 7 - Análise Financeira.....	41
TABELA 8 - Análise Estrutural.....	43
TABELA 9 - Análise Econômica.....	45
TABELA 10 - Prazo médio de vendas.....	47
TABELA 11 - Prazo médio de compras.....	48
TABELA 12 - Prazo médio de estoque.....	48

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LC	Liquidez Corrente
AC	Ativo Circulante
PC	Passivo Circulante
LG	Liquidez Geral
RLP	Realizável a Longo Prazo
ELP	Exigível a Longo Prazo
LS	Liquidez Seca
LI	Liquidez Imediata
PCT	Participação de Capital de Terceiros
ELP	Exigível a Longo Prazo
PL	Patrimônio Líquido
CE	Composição de endividamento
ELP	Exigível a longo prazo
IRNC	Imobilização de Recursos Não Correntes
AP	Ativo Permanente
PL	Patrimônio Líquido
ELP	Exigível a Longo Prazo
RPL	Rentabilidade do Patrimônio Líquido
LL	Lucro Líquido
PLM	Patrimônio Líquido Médio
GA	Giro do Ativo
VL	Vendas Líquidas
AT	Ativo Total
ML	Margem Líquida
LL	Lucro Líquido
VL	Vendas Líquidas
RA	Rentabilidade do ativo
LL	Lucro Líquido
A	Ativo
PMRV	Prazo Médio de Recebimento de Vendas
DR	Duplicatas a Receber

V Vendas
CMV Custo da mercadoria vendida
EMM Estoque Médio de Mercadorias
CPV Custo Produto Vendido
EMPA Estoque Médio de Produtos Acabados

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	14
1.2 PROBLEMA DA PESQUISA	14
1.3 OBJETIVOS	15
1.3.1 Objetivo geral	15
1.3.2 Objetivos específicos	15
1.4. JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	15
1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	16
2 REVISÃO DA LITERATURA	17
2.1 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS.....	17
2.2 ANÁLISES DAS DEMONSTRAÇÕES.....	17
2.3 MÉTODOS DE ANÁLISES.....	18
2.3.1 Análise Vertical	18
2.3.2 Análise Horizontal	19
2.3.3 Análise de Índices	20
2.4 ANÁLISE FINANCEIRA.....	20
2.4.1 Liquidez Corrente	21
2.4.2 Liquidez Geral	21
2.4.3 Liquidez Seca	22
2.4.4 Liquidez Imediata	23
2.5 ANÁLISE ESTRUTURAL	23
2.5.1 Análise da Estrutura de Capital	23
2.5.2 Participação de Capital de Terceiros	24
2.5.3 Composição do Endividamento	24
2.5.4 Imobilização dos Recursos Não-Correntes	25
2.6 ANÁLISE ECONÔMICA	25
2.6.1 Rentabilidade do Patrimônio Líquido	26
2.6.2 Giro do Ativo	26
2.6.3 Margem Líquida	27
2.6.4 Rentabilidade do Ativo	27

2.7 CICLOMETRIA.....	28
2.7.1 Cálculo dos prazos e dos ciclos	28
2.7.2 Prazo médio de recebimento de vendas	29
2.7.3 Prazo Médio de Pagamentos de Compras	29
2.7.4 Prazo Médio de Rotação do Estoque.....	30
2.8 CICLOS	30
2.8.1 Ciclo Financeiro	30
2.8.2 Ciclo Econômico	31
2.8.3 Ciclo Operacional.....	31
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	33
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	33
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	33
3.3 CONSTRUTOS DA PESQUISA	34
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	34
3.5 FORMAS DE ANÁLISE DOS DADOS	35
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	36
4.1 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS.....	36
4.2 ANÁLISE HORIZONTAL E VERTICAL	38
4.3 ANÁLISE DOS ÍNDICES.....	40
4.3.1 Análise Financeira.....	40
4.3.1.1 Liquidez Imediata	41
4.3.1.2 Liquidez Seca.....	41
4.3.1.3 Liquidez Corrente	42
4.3.1.4 Liquidez Geral	42
4.3.1.5 Conclusão da análise financeira.....	43
4.3.2 Análise estrutural	43
4.3.2.1 Participação de capital de terceiros.....	44
4.3.2.2 Composição do endividamento	44
4.3.2.3 Imobilização dos recursos não correntes	44
4.3.2.4 Conclusão da análise estrutural	45
4.3.3 Análise econômica	45
4.3.3.1 Margem líquida.....	45
4.3.3.2 Rentabilidade do ativo	46

4.3.3.3 Rentabilidade do patrimônio líquido	46
4.3.3.4 Giro do ativo	46
4.3.3.5 Conclusão da análise econômica	46
4.4 CICLOMETRIA E CICLOS	47
4.4.1 Ciclometria.....	47
4.4.1.1 Prazo médio de vendas.....	47
4.4.1.2 Prazo médio de compras.....	47
4.4.1.3 Prazo médio de estoque.....	48
4.4.2 Ciclos.....	48
4.4.2.1 Ciclo financeiro	48
4.4.2.2 Ciclo Econômico.....	49
4.4.2.3 Ciclo Operacional	49
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	51
5.1 CONCLUSÕES	51
5.2 RECOMENDAÇÕES	52
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Os indicadores econômico-financeiros mostram o resultado das operações da empresa num determinado momento. Embora o planejamento sempre se refere ao período futuro, não há como desconsiderar o passado. Neste sentido que, esses indicadores buscam mostrar o período em que a empresa obteve maior solvência e onde precisa de melhoria.

Segundo Iudícibus (1982, p. 13), “a necessidade de analisar as demonstrações contábeis é pelo menos tão antiga quanto a própria origem de tais peças”. O autor destaca ainda, que mesmo quando a Contabilidade se restringia basicamente a inventários, o “analista” já se preocupava em anotar as variações quantitativas e qualitativas das categorias de bens incluídos em seu inventário.

As análises econômico-financeiras podem auxiliar na tomada de decisão de uma empresa, bem como também podem ser utilizados para projeção de cenários futuros da empresa. Assaf Neto (2002, p. 52) destaca o seguinte:

A análise das demonstrações contábeis de uma empresa pode atender a diferentes objetivos consoantes, os interesses de seus vários usuários ou pessoas físicas ou jurídicas que apresentam algum tipo de relacionamento com a empresa. Neste processo de avaliação cada usuário procurará detalhes específicos e conclusões próprias e, muitas vezes não coincidentes.

Através das análises, é possível verificar se uma empresa é sólida no mercado em que atua ou não, evidenciando também a capacidade da empresa em aumentar seus lucros e reduzir os seus custos.

1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

Em tempos de valorização da informação e do conhecimento, os indicadores econômicos financeiros tem um grau de relevância significativo para a tomada de decisão. As técnicas de análises auxilia a administração da empresa a tomar medidas corretivas no rumo de seus negócios. Para os investidores que buscam adquirir ações das companhias, a análise econômico financeira é uma ferramenta

fundamental para avaliar as perspectivas do empreendimento, bem como avaliar o seu desempenho.

Nesse estudo procura-se evidenciar os tipos de análises de balanços, buscando demonstrar as fórmulas que compõem cada tipo de análise, bem como a interpretação de cada indicador.

1.3 OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa estão divididos em geral e específicos, conforme discriminados abaixo.

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta monografia é evidenciar os tipos de análises de balanços, buscando demonstrar as fórmulas que compõem cada tipo de análise, bem como a interpretação de cada indicador.

1.3.2 Objetivos específicos

O objetivo geral descrito requer um desenvolvimento teórico e metodológico em que temas relacionados à questão central apresentam outros campos férteis para as análises, a saber:

- a) Verificar a utilidade da análise das demonstrações contábeis
- b) Evidenciar os métodos de análises;
- c) Demonstrar as fórmula que se utiliza para calcular os indicadores.
- d) Explanar a interpretação de cada indicador;
- e) Verificar a funcionalidade das análises.

1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A elaboração pratica desse trabalho tem como premissa os tipos de análises de balanços, buscando demonstrar as fórmulas que compõem cada tipo de análise, bem como a interpretação de cada indicador.

Os indicadores econômico financeiros mostram-se relevantes nas empresas na análise do desempenho da mesma em determinado período de tempo. Com isso, é possível fazer projeções sobre a evolução da companhia utilizando como base os elementos obtidos na análise dos números. Os indicadores econômico financeiros informam com elementos numéricos os resultados e a situação alcançada pela empresa. Esses elementos, quando comparados em períodos sucessivos e com empresas que exercem a mesma atividade econômica, podem evidenciar um diagnóstico do empreendimento.

Este trabalho tem como foco principal, evidenciar os tipos de análises de balanços, buscando demonstrar as fórmulas que compõem cada tipo de análise, bem como a interpretação de cada indicador. Decorre que estas configuram-se como instrumentos gerenciais que podem ser usados para auxiliar no processo de tomada de decisões.

1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro a introdução, destacando a contextualização do tema, o problema da pesquisa, os objetivos, a justificativa do estudo e a organização do trabalho.

No segundo capítulo apresenta a revisão bibliográfica, do qual explana a finalidade das demonstrações contábeis, a análise das demonstrações evidenciando a relevância no processo de tomada de decisão, os métodos de análises, do qual busca evidenciar todos os tipos de análises que pode ser utilizado para o acompanhamento do desenvolvimento de uma empresa.

No terceiro capítulo evidencia a metodologia da pesquisa. Primeiro destaca-se o delineamento, seguido da definição da população e amostra, do construto da pesquisa, da coleta de dados e de forma de análise dos dados coletados.

No quarto capítulo demonstra a descrição e análise de dados. Primeiro apresenta a caracterização das análises. Posteriormente os cálculos realizados, e por fim os indicadores com suas respectivas interpretações.

No quinto capítulo apresentam-se as conclusões do estudo realizado e as recomendações que se façam necessárias para o tema abordado.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo apresenta-se a revisão da literatura relativa ao tema da pesquisa. Para consubstanciar a pesquisa empírica focalizam-se abordagens sobre as demonstrações contábeis, análise das demonstrações contábeis, métodos de análise contábeis, índices.

2.1 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

De acordo com a Lei n. 6.404, de 15 de dezembro de 1976, art. 176, as principais demonstrações financeiras são:

- a) Balanço Patrimonial;
- b) Demonstração dos Lucros ou Prejuízos Acumulados;
- c) Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido;
- d) Demonstração do Resultado do Exercício;
- e) Demonstração dos Fluxos de Caixa (Redação dada pela Lei n. 11.638/07);
- f) Se companhia aberta, Demonstração do Valor Adicionado (incluída pela Lei n. 11.638/07).

Não obstante o que determina a Lei n. 6.404/1976 sobre as demonstrações contábeis obrigatórias, de acordo com Franco (1989, p. 32):

Todas as informações retiradas dos registros contábeis e apresentadas de forma expositiva, sintética ou analítica, para fins de informação sobre o estado patrimonial e sobre as variações, aumentativas ou diminutivas, por ele sofridas, são consideradas demonstrações contábeis.

As demonstrações contábeis têm como finalidade, fornecer dados sobre a empresa, com elas, é possível que seus usuários tenham as informações necessárias para a tomada de decisão.

Todos os fatos e atos gerados diariamente em uma empresa é que dão origem às demonstrações contábeis. Para Marion (1998, p. 51), são “a exposição resumida e ordenada de dados recolhidos pela contabilidade”.

2.2 ANÁLISES DAS DEMONSTRAÇÕES

A análise das demonstrações contábeis é utilizada para extrair informações

dos valores nelas contidos, assim podendo auxiliar no processo de tomada de decisão. Para Franco (1989, p. 93), “analisar uma demonstração é decompô-la nas partes que formam para melhor interpretação de seus componentes”.

Sobre a relevância da análise das demonstrações contábeis, Matarazzo (2003, p. 16) destaca que:

As demonstrações contábeis fornecem uma série de dados sobre a empresa, de acordo com as regras contábeis. A análise de balanços transforma esses dados em informações e será tanto mais eficiente quanto melhores informações produzir. Informações representam para quem as recebe uma comunicação que pode produzir reação ou decisão, freqüentemente acompanhada de um efeito surpresa.

A análise fornece ao analista diversas informações sobre a evolução das contas, bem como, estrutura de capital, liquidez, rentabilidade, investimentos, empréstimos, operações de curto e longo prazo em vários períodos.

Para que se tenha êxito na análise das demonstrações contábeis, é importante observar alguns procedimentos, como descreve Perez Junior e Bagalli (1999): comparação dos índices calculados com o padrão, extração dos índices das demonstrações contábeis, elaboração dos diagnósticos e tomada de decisão.

Os principais fatores de ênfase são, rentabilidade, liquidez e estrutura de capital. Para que se tenha maior precisão na análise, é necessário seguir uma lógica, primeiramente estabelecer objetivos; segundo, calcular os índices ou quocientes e análises horizontal e vertical; terceiro, analisar e interpretar os dados, desenvolver um conjunto de conclusões com base nas etapas anteriores.

2.3 MÉTODOS DE ANÁLISES

A análise contábil é a técnica que permite, através da utilização de instrumentos diversos, a comparação e a interpretação das demonstrações contábeis, tendo em vista avaliar o desempenho e as tendências da empresa. Essas análises são compostas basicamente da análise vertical, análise horizontal e indicadores econômico-financeiros.

2.3.1 Análise Vertical

A análise vertical mostra a real importância no conjunto da conta, ou seja,

mostra quanto uma conta representa pelo total. Para Reis (2003, p. 110), a “análise vertical procura obter o valor percentual de cada verba, ou cada grupo de verbas, em relação ao valor global do demonstrativo, ou, ainda, de cada verba em relação ao total do seu respectivo grupo”.

O objetivo da análise vertical, segundo Matarazzo (2003, p. 249), é “mostrar a importância de cada conta em relação à demonstração financeira a que pertence e através da comparação com padrões do ramo ou com percentuais da própria empresa em anos anteriores, permitindo inferir se há itens fora das proporções normais”.

Para Ludicibus (1998, p. 93), “este tipo de análise é importante para avaliar a estrutura de composição de itens e sua evolução no tempo”.

Assim, com essa técnica de análise, é possível identificar a proporção de cada conta em relação ao total do grupo a que pertence, permitindo ver no decorrer dos exercícios a evolução desta relação.

2.3.2 Análise Horizontal

A análise horizontal é um método que permite avaliar a evolução nos diversos elementos das demonstrações contábeis ao longo de determinado tempo. Para Ludicibus (1998, p. 90), “a finalidade principal da análise horizontal é apontar o crescimento dos itens dos balanços e das demonstrações do resultado, bem como de outros demonstrativos, através dos períodos, a fim de caracterizar tendências.”

De acordo com Matarazzo (2003, p. 250), os objetivos da análise horizontal são “mostrar a evolução de cada conta das demonstrações contábeis e, pela comparação entre si, permitir tirar conclusões sobre a evolução da empresa”.

Para Assaf Neto (2002, p. 100), “a análise horizontal é a comparação que se faz entre os valores de uma mesma conta ou grupo de contas, em diferentes exercícios sociais. É basicamente um processo de análise temporal, desenvolvido por meio de números-índices”.

O mecanismo dessas análises é normalmente escolher um período mais antigo, atribuindo seus valores o percentual de 100, e a partir daí calcular os demais valores dos próximos exercícios, é importante frisar que nesse cálculo é sempre em relação ao primeiro exercício.

2.3.3 Análise de Índices

Essa análise evidencia a relação entre contas ou grupo de contas com objetivo de detectar sua relativa situação econômico financeira e auxiliar no processo decisório da entidade.

Segundo Matarazzo (2003, p. 147), “Índice é a relação entre contas ou grupos de contas das demonstrações contábeis, que visa evidenciar determinado aspecto da situação econômico financeira de uma empresa”.

Para Ludicibus (1998, p. 99), “uma das vantagens frequentemente citadas da análise por meio de quocientes e que, dividindo-se um valor por outro, os efeitos da inflação são depurados. Isto entretanto, somente acontece basicamente, com os índices financeiros”.

A análise através dos índices é obtida pela comparação entre os elementos das demonstrações contábeis. Sua característica principal é fornecer uma visão da saúde econômico-financeira da empresa.

Esses índices podem se configurar de diversas formas, tais como: análise da estrutura de capital, participação de capital de terceiros, composição do endividamento, imobilização do patrimônio líquido, imobilização dos recursos não-correntes, liquidez, liquidez geral, liquidez corrente, liquidez seca, liquidez imediata, rentabilidade, giro do ativo, margem líquida, rentabilidade do ativo, rentabilidade do patrimônio líquido.

2.4 ANÁLISE FINANCEIRA

A análise das demonstrações contábeis proporciona aos gestores, analistas, informações relevantes sobre a evolução das contas, estrutura de capital, liquidez, rentabilidade, investimentos, empréstimos, operações de curto e longo prazo, em vários períodos.

A análise financeira, de acordo com Matarazzo (2003, p. 268), “refere-se a dinheiro. Dinamicamente, representa a variação de caixa. Estaticamente, representa o saldo de caixa. O termo financeiro tem significado amplo e restrito. Quando encarado de forma restrita, refere-se a caixa, quando seu significado é amplo, refere-se a caixa circulante líquido”.

Segundo Braga (2003, p. 154), “a análise interna de liquidez constitui-se num

dos mais valiosos instrumentos de controle financeiro, especialmente quando realizada em períodos curtos (semanais, quinzenais, mensais)”. A liquidez tem como finalidade avaliar a capacidade que a empresa tem de pagar os compromissos assumidos de curto e longo prazo.

Os índices de liquidez empregados são: Liquidez Corrente; Liquidez Geral; Liquidez Seca; e Liquidez Imediata.

2.4.1 Liquidez Corrente

Segundo Assaf Neto (2002, p. 172), “a liquidez corrente indica o quanto existe de ativo circulante para cada R\$1,00 de dívida a curto prazo”. Quanto maior for esse índice, melhor a capacidade da empresa em liquidar seus compromissos de curto prazo. Sua fórmula, segundo Assaf Neto (2002, p. 172) é:

$$LC = AC/PC$$

Onde:

LC – Liquidez Corrente;

AC – Ativo Circulante;

PC – Passivo Circulante.

A liquidez corrente mostra a capacidade da empresa de pagar as dívidas circulantes considerando recursos aplicados no Ativo Circulante. Este índice indica quanto a empresa possui no Ativo Circulante para cada \$1,00 de Passivo Circulante, verificando assim a disponibilidade da empresa em vencer as obrigações de curto prazo. Quanto maior esse índice, melhor será a capacidade da empresa em honrar seus compromissos de curto prazo.

2.4.2 Liquidez Geral

Para Assaf Neto (2002, p. 173), “esse indicador revela a liquidez, tanto a curto como a longo prazo. De cada R\$ 1,00 que a empresa tem de dívida, o quanto existe de direitos e haveres no ativo circulante e no realizável a longo prazo”. Sua fórmula, conforme Assaf Neto (2002, p. 173), é a seguinte:

$$LG = (AC + RLP) / (PC + ELP)$$

Onde:

LG – Liquidez Geral;

AC – Ativo Circulante;

RLP – Realizável a Longo Prazo;

PC – Passivo Circulante;

ELP – Exigível a Longo Prazo.

Esse indicador mede a capacidade de pagamento no curto e longo prazo, sendo avaliada considerando todos os recursos aplicados no ativo circulante e realizável a longo prazo, ou seja, indica quanto a empresa possui no ativo circulante e realizável em longo prazo para cada \$ 1,00 de dívida. Quanto maior esse índice, melhor será a capacidade da empresa em honrar seus compromissos de curto e longo prazo.

2.4.3 Liquidez Seca

De acordo com Matarazzo (2003, p. 173), “este índice indica quanto a empresa possui no ativo líquido para cada R\$1,00 de passivo circulante (dívidas em curto prazo).[...] visa medir o grau de excelência da sua situação financeira”.

A liquidez seca mede a capacidade de pagamento da empresa sem usar seus estoques. Ela é semelhante à liquidez corrente, a diferença é que exclui os estoques do ativo circulante, por ser o ativo de menor liquidez.

A fórmula para calcular esse índice, segundo Braga (2003, p. 155), é:

$$LS = (AC - ESTOQUES) / PC$$

Onde:

LS – Liquidez Seca;

AC – Ativo circulante;

PC – Passivo.

Quanto maior for esse indicador melhor é a capacidade financeira da empresa

em liquidar suas obrigações, sem que tenha necessidade de utilizar seus estoques.

2.4.4 Liquidez Imediata

Para Ludicibus (1998, p. 99), “este quociente representa o valor de quanto dispomos imediatamente para saldar nossas dívidas de curto prazo”. Com esse índice é possível verificar a capacidade da empresa em pagar suas obrigações de curto prazo, com disponibilidades de caixa, bancos, aplicações financeiras que podem ser utilizados imediatamente para liquidar uma dívida.

A fórmula que representa esse índice, segundo Ludicibus (1998, p. 99), é:

$$LI = \text{DISPONIBILIDADES} / \text{PC}$$

Onde:

LI – Liquidez Imediata;

PC – Passivo Circulante.

Esse índice mede a capacidade da empresa em pagar as obrigações de curto prazo, com disponibilidades de caixa, bancos e aplicações financeiras que podem ser utilizadas imediatamente para liquidar uma dívida. Quanto maior esse índice, melhor é a capacidade da empresa em liquidar seus compromissos de curto prazo.

2.5 ANÁLISE ESTRUTURAL

Os quocientes desse grupo de índices servem para evidenciar o grau de endividamento da empresa em decorrência das origens e aplicações de recursos, demonstrando a proporção entre os capitais próprios e os capitais de terceiros.

2.5.1 Análise da Estrutura de Capital

De acordo com Matarazzo (2003, p. 151), “os índices desse grupo mostram as grandes linhas de decisões financeiras em termos de obtenção e aplicação de recursos”. Com essa análise é possível identificar o grau de endividamento da empresa, em decorrência das origens e aplicações de recursos, demonstrando a

proporção entre os capitais próprios e os de terceiros.

2.5.2 Participação de Capital de Terceiros

Este indicador demonstra quanto a empresa utiliza de capital de terceiros para cada real de capital próprio. A fórmula que se utiliza para calcular esse indicador, segundo Perez Júnior e Begalli (1999, p. 199), é a que segue:

$$PCT = (PC + ELP) / PL$$

Onde:

PCT – Participação de Capital de Terceiros;

PC – Passivo Circulante;

ELP – Exigível a Longo Prazo;

PL – Patrimônio Líquido.

De acordo com Walter e Braga (1980, p. 29), “acima de 1(um) quanto mais alto for o grau de garantia de capital de terceiros, maior segurança haverá os credores que emprestam capital a empresa”. Dessa forma, é possível ter uma visão real da dimensão dos recursos empregados por terceiros com relação aos recursos disponibilizados pelo patrimônio líquido da empresa.

2.5.3 Composição do Endividamento

Esse índice demonstra, segundo Matarazzo (2003, p. 155), “qual o percentual de obrigações de curto prazo em relação às obrigações totais”. É possível identificar nesse indicador se as dívidas de curto prazo são a maioria ou se as de longo prazo são a maioria.

De acordo com Perez Junior e Begalli, a fórmula que compõe esse indicador é a seguinte:

$$CE = PC / (PC + ELP)$$

Onde:

CE – Composição de endividamento;

PC – Passivo circulante;

ELP – Exigível a longo prazo.

Esse índice mostra a proporção existente entre as obrigações de curto prazo e as obrigações totais, ou seja, demonstra se a empresa terá necessidade ou não de gerar recursos em curto prazo para saldar os seus compromissos.

2.5.4 Imobilização dos Recursos Não-Correntes

Segundo Matarazzo (2003, p. 159), este índice demonstra “que percentual de recursos não correntes a empresa aplicou no ativo permanente”. Esse índice demonstra qual o percentual do patrimônio é utilizado para financiar a compra do ativo permanente. Identifica também a existência ou não de capital circulante próprio positivo, representando a parte dos capitais próprios investido no ativo circulante e no realizável a longo prazo.

De acordo com Perez Junior e Begalli (1999, p. 200), a fórmula que represente esse indicador é a seguinte:

$$\text{IRNC} = \text{AP} / (\text{PL} + \text{ELP})$$

Onde:

IRNC – Imobilização de Recursos Não Correntes;

AP – Ativo Permanente;

PL – Patrimônio Líquido;

ELP – Exigível a Longo Prazo.

Indica que percentual de recursos não correntes a empresa aplicou no ativo permanente. Quanto menor melhor para a empresa.

2.6 ANÁLISE ECONÔMICA

Os índices desse grupo permitem visualizar a rentabilidade dos capitais investidos pela empresa, relevando assim quanto renderam os investimentos e qual

o grau de êxito econômico da empresa.

A rentabilidade tem a finalidade de demonstrar o desempenho da empresa. Mede quanto uma empresa está sendo lucrativa ou não. Proporciona uma visão para os analistas dos aspectos econômicos na análise financeira de balanços.

2.6.1 Rentabilidade do Patrimônio Líquido

Esse índice mede a rentabilidade do capital próprio, ou seja, quanto a empresa obteve de lucro para cada R\$ 100 de Capital Próprio investido. Segundo Perez Junior e Begalli (1999, p. 202), “representa o nível de remuneração do capital investido pelos sócios acionistas, quotistas, proprietários”.

A fórmula que se utiliza para obter esse índice, segundo Franco (1989, p. 180), é a que segue:

$$RPL=LL/PLM$$

Onde:

RPL – Rentabilidade do Patrimônio Líquido;

LL – Lucro Líquido;

PLM – Patrimônio Líquido Médio.

Para entender melhor, patrimônio líquido médio é a média entre o patrimônio líquido inicial e o patrimônio líquido final.

De uma forma objetiva, esse indicador trás a taxa de rendimento do capital próprio. É possível fazer uma comparação com outros rendimentos alternativos no mercado, dessa forma a empresa identifica se a rentabilidade é superior ou inferior aos rendimentos alternativos.

2.6.2 Giro do Ativo

Segundo Assaf Neto (2002, p. 216), o giro do ativo “indica o número de vezes que o ativo total da empresa girou (transformou-se em dinheiro) em determinado período em função das vendas realizadas”.

A fórmula que representa esse índice, segundo Silva (1995, p. 238), é a

seguinte:

$$GA = VL/AT$$

Onde:

GA – Giro do Ativo;

VL – Vendas Líquidas;

AT – Ativo Total.

Observa-se que quanto maior for esse índice, melhor será a situação financeira para a empresa.

2.6.3 Margem Líquida

Segundo Perez e Begalli (1999, p. 202), “essa medida leva em conta inclusive o resultado não operacional e representa o que sobra da atividade da empresa no final do período”.

Este índice indica quanto a empresa obteve de lucro para cada R\$ 100 vendidos. Quanto maior for esse índice, melhor para empresa. A fórmula que representa esse índice, segundo Perez Junior e Begalli (1999, p. 202), é:

$$ML = LL/VL$$

Onde:

ML – Margem Líquida;

LL – Lucro Líquido;

VL – Vendas Líquidas.

A finalidade principal desse indicador é demonstrar o quanto a empresa é capaz de gerar riqueza com recursos consumidos.

2.6.4 Rentabilidade do Ativo

De acordo com Franco (1989, p. 182), “é a comparação entre o lucro líquido e

o ativo total, revelando o quociente de rentabilidade do total do ativo aplicado na movimentação econômica do exercício”.

Este índice mostra quanto a empresa obteve de lucro líquido em relação ao Ativo Médio. Mede o desempenho da empresa e sua capacidade em gerar lucro líquido e assim capitalizar-se. Sua fórmula, conforme Franco (1989, p. 182), é:

$$RA=LL/A$$

Onde:

RA – Rentabilidade do ativo;

LL – Lucro Líquido;

A – Ativo

Quanto maior for esse índice, melhor será para a situação financeira da empresa.

2.7 CICLOMETRIA

A ciclometria divide-se em operacional e financeira. No entanto, antes de calcular os ciclos, é necessário entender o significado dos prazos médios, que se dividem em prazo médio de recebimento de vendas, prazo médio de pagamento a fornecedores e prazo médio de rotação de estoque.

2.7.1 Cálculo dos prazos e dos ciclos

De acordo com Matarazzo (2003, p. 317), “os índices de prazos médios não devem ser analisados individualmente, mas sempre em conjunto”. Eles permitem ao gestor definir estratégias relacionadas aos prazos de compra, venda e estocagem das mercadorias ou produtos.

Segundo Matarazzo (2003, p. 317), existem basicamente três índices de prazos médios que podem ser encontrados a partir das demonstrações contábeis, que são: prazo médio de recebimento de vendas, prazo médio de pagamento de compras, prazo médio de renovação de estoques.

2.7.2 Prazo médio de recebimento de vendas

De acordo com Matarazzo (2003, p. 317), “uma das descobertas mais interessantes da análise de balanços é a de que, através dos dados das demonstrações financeiras, podem ser calculados, por exemplo, quantos dias, em média, a empresa terá de esperar para receber suas duplicatas”. Este é o Índice de Prazo Médio de Recebimento de Vendas.

A fórmula para o cálculo desse índice, segundo Matarazzo (2003, p. 319), é a seguinte.

$$\text{PMRV} = \text{DR} / \text{V}$$

Onde=

PMRV= Prazo Médio de Recebimento de Vendas

DR= Duplicatas a Receber

V= Vendas

Esse indicador tem a finalidade de indicar em média, quantos dias a empresa leva para receber suas vendas.

2.7.3 Prazo Médio de Pagamentos de Compras

De acordo com Ribeiro (1999), esse índice indica o tempo que a entidade dispõe, em média, para pagar as suas obrigações provenientes de compras de mercadorias a prazo. A fórmula para o cálculo desse indicador, segundo Ribeiro (1999, p. 168), é:

$$\text{Contas a Pagar Medias} / \text{Compras Medias a Prazo}$$

Segundo Ribeiro (1999, p. 169), como contas a pagar, para efeito de apuração deste quociente, devem ser consideradas apenas as resultantes de compras de mercadorias a prazo, geralmente representadas pelas contas Fornecedores e Duplicatas a Pagar.

2.7.4 Prazo Médio de Rotação do Estoque

De acordo com Ribeiro (1999, p. 168), este quociente evidencia quantas vezes ocorreu renovação dos estoques de mercadorias ou de produtos, em função das vendas. A fórmula para o cálculo, segundo Ribeiro (1999, p. 168), é a seguinte:

CMV/EMM - (empresas comerciais)

CPV/EMPA - (empresas industriais)

Onde=

CMV= Custo da mercadoria vendida

EMM= Estoque Médio de Mercadorias

CPV= Custo Produto Vendido

EMPA= Estoque Médio de Produtos Acabados

Segundo Ribeiro (1999, p. 168), o valor dos estoques médios de produtos acabados ou de mercadorias é obtido somando-se os respectivos estoques iniciais e finais e dividindo-se o total por 2. Entretanto, visando à obtenção de resultado mais real possível e havendo possibilidade, os estoques médios poderão ser obtidos pelo somatório dos saldos mensais dividido pelo número de saldos apurados.

2.8 CICLOS

Os ciclos são compostos de três tipos: ciclo financeiro; ciclo econômico; ciclo operacional.

2.8.1 Ciclo Financeiro

De acordo com Gonçalves (2012), o ciclo financeiro tem início com o desembolso de numerários para a aquisição da mercadoria que será revendida pela empresa e encerra-se com o recebimento relativo à venda da mesma. Este é o ciclo de caixa. O reflexo do ciclo econômico se dará neste ciclo. Se o giro do estoque é lento, primeiro a empresa pagará para depois receber, ocasionando em desembolso desnecessário. Além de compromissos com fornecedores, a empresa também deve

honrar outros compromissos mensais, que são os custos fixos ou despesas operacionais. São gastos necessários para que a empresa possa operar.

De acordo com o Zanluca (2014), a fórmula do ciclo financeiro é a seguinte:

$$\text{Ciclo financeiro} = \text{Ciclo operacional} - \text{Prazo médio de pagamento a fornecedor}$$

De modo prático, a interpretação desse ciclo, e o tempo entre o pagamento a fornecedores e o recebimento das vendas, quanto maior for o domínio de negociação da empresa em relação aos fornecedores, menor o ciclo financeiro.

2.8.2 Ciclo Econômico

O ciclo econômico, conforme Gonçalves (2012) é o período em que a mercadoria permanece nas dependências da empresa, ou seja, inicia-se com a compra da mercadoria e encerra-se com a venda da mesma. Este ciclo e o giro de estoques, dizem quanto tempo a empresa está demorando para girar o seu estoque. Quanto maior for o estoque, mais lento será o seu giro, ocasionando, inclusive, numa possível insuficiência crônica de caixa, forçando-a a captação sistemática de recursos de terceiros, comprometendo a saúde financeira da empresa.

De acordo com o Zanluca (2014), a fórmula do ciclo econômico é a seguinte:

$$\text{Ciclo Econômico} = \text{Prazo Médio de Estocagem (PME)}$$

De um modo prático o ciclo econômico é o tempo em que a mercadoria permanece no estoque. Considera-se o momento em que adquire o produto até o momento da venda, no entanto, não leva em consideração o recebimento da venda desses produtos.

2.8.3 Ciclo Operacional

De acordo com Hoji (2001, p. 245), o ciclo operacional inicia-se junto com o ciclo econômico ou ciclo financeiro, o que ocorrer primeiro, e encerra-se junto com o encerramento do ciclo econômico ou financeiro, o que ocorrer por último.

Conforme o Zanluca (2014), a fórmula do ciclo operacional é a seguinte:

Ciclo Operacional= Ciclo Econômico + Prazo Médio de Contas a Receber (PMCR)

De modo prático, o ciclo operacional é o período entre a data da compra até o recebimento do cliente.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho caracteriza-se como uma monografia. Segundo Longaray e Beuren (2003, p. 40), trata-se de “trabalho acadêmico que objetiva a reflexão sobre um tema ou problema específico e que resulta de um procedimento de investigação sistemática”.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se quanto aos objetivos como descritiva, quanto aos procedimentos como pesquisa documental e quanto à abordagem do problema como quantitativa, conforme preconizado por Raupp e Beuren (2003).

A pesquisa descritiva expõe característica de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação. Pesquisa de opinião insere-se nessa classificação (GIL, 2008).

Quanto à abordagem do problema, foi utilizado o método quantitativo em que se procurou verificar a validade e oportunidade das análises dos indicadores econômico financeiros. Segundo Richardson (1999, p. 80 apud RAUPP; BEUREN, 2003, p. 91):

Os estudos que empregam uma metodologia quantitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. A abordagem quantitativa caracteriza-se pelo emprego de quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.

A metodologia empregada também constou de revisão bibliográfica, utilizando-se de conceitos de autores sobre o tema abordado nesse trabalho.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

De acordo com Gil (1999), população é entendida como um conjunto de elementos que possui as características desejáveis para o estudo. Segundo Silveira

(2004, p. 111), “amostra é uma parte escolhida, segundo critérios de representatividade, na população”.

Para a análise foi utilizada de revisão teórica para evidenciar os principais tipos de análises das demonstrações contábeis. Além disso, o estudo foi pautado na análise das demonstrações contábeis da empresa Forjas Taurus S/A.

3.3 CONSTRUTOS DA PESQUISA

Neste estudo, utilizou de pesquisa bibliográfica, que de acordo com Cervo e Bervian (2004), estuda um problema com base em referenciais teóricos publicados em documentos, visando conhecer as contribuições científicas anteriores, por meio de diferentes fontes, tais como: livros, publicações em periódicos e artigos científicos, sobre determinado tema.

No que concerne à pesquisa documental, relativa à empresa Forjas Taurus S/A, definiu-se o constructo apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Constructo da pesquisa

TIPOS DE ANÁLISE	DEFINIÇÃO
Demonstrações Contábeis	As demonstrações contábeis têm como finalidade, fornecer dados sobre a empresa, com elas, é possível que seus usuários tenham as informações necessárias para a tomada de decisão.
Análises das demonstrações	A análise das demonstrações contábeis é utilizada para extrair informações dos valores nelas contidos, assim podendo auxiliar no processo de tomada de decisão.
Métodos de análises	Essas análises são compostas basicamente da análise vertical, análise horizontal e indicadores econômico-financeiros.
Análise Financeira	De acordo com Matarazzo (2003, p. 268), “refere-se a dinheiro. Dinamicamente, representa a variação de caixa. Estaticamente, representa o saldo de caixa. O termo financeiro tem significado amplo e restrito. Quando encarado de forma restrita, refere-se a caixa, quando seu significado é amplo, refere-se a caixa circulante líquido”.
Análise Econômica	Os índices desse grupo permitem visualizar a rentabilidade dos capitais investidos pela empresa, relevando assim quanto renderam os investimentos e qual o grau de êxito econômico da empresa.
Ciclometria	A ciclometria pode se dizer que divide-se em Operacional e Financeira. No entanto, antes de calcular os ciclos, é necessário entender o significado dos prazos médios, que se dividem em Prazo Médio de Recebimento de vendas, Prazo Médio de Pagamento a Fornecedores e Prazo Médio de Rotação de Estoque.

Fonte: Elaboração própria.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A fase de coleta de dados é importante para a elaboração da pesquisa científica. De acordo com Silva (2010), em uma mesma pesquisa podem ser

utilizadas diversas técnicas de coletas de dados, mas independente da técnica adotada é necessário descrever tanto suas características como a forma de aplicação, codificação, tabulação e análise dos dados obtidos.

Na coleta de dados, primeiramente realiza-se a preparação dos materiais. Nessa etapa deve-se tomar cuidado para que não haja erro na coleta dos dados para a pesquisa. Em segundo lugar, deve-se organizar os materiais coletados.

Várias formas foram utilizadas para esse fim na presente pesquisa. Todavia, cabe ao pesquisador decidir quais os procedimentos adequados para posterior realização de análise do conteúdo do objeto de pesquisa.

Para o estudo dessa monografia, foram definidos os tipos de análises das demonstrações contábeis, conforme demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2 – Tipos de análises de balanço

OBJETIVOS ESPECIFICOS	AUTORES PRINCIPAIS
Demonstrações Contábeis	Lei n. 6.404/76 e Lei n. 11.638/07
Análises das demonstrações	Franco (1989) (Estrutura, análise e interpretação de balanços).
Métodos de análises	Matarazzo (2003) (Análise financeira de balanços)
Análise Financeira	Matarazzo (2003) (Análise financeira de balanços)
Análise Estrutural	Matarazzo (2003) (Elaboração das demonstrações contábeis)
Análise Econômica	Assaf Neto (2002) (Estrutura e análise de balanços)
Ciclometria	Matarazzo (2003) (Análise financeira de balanços)

Fonte: Elaboração própria.

3.5 FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS

É importante ressaltar que, após a coleta dos dados, é necessário fazer a análise dos mesmos. Com isso é possível evitar que ocorram coletas de dados desnecessários para a realização da pesquisa.

Assim foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com diversos autores de conhecimento específico na área de análise das demonstrações contábeis, para assegurar a fidedignidade do teor da pesquisa. Em seguida, por meio de análise documental, realizou-se a análise das demonstrações contábeis do período de 2010 a 2012 da empresa Forjas Taurus S/A

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesse capítulo são apresentados os resultados das análises da gestão econômico-financeira da empresa Forjas Taurus, realizado através das demonstrações contábeis dos anos de 2010, 2011 e 2012. As demonstrações contábeis da empresa foram extraídas do *site* da Bolsa de Valores de São Paulo (BM&FBovespa).

Em específico, analisam-se os relatórios contábeis da Forjas Taurus, a partir da exposição das demonstrações contábeis em planilhas, gráficos, indicadores financeiros, estruturais e econômicos, bem como, de capital de giro, ciclometria e dinâmica financeira. Em síntese, compilam-se os dados de forma a retratar a situação econômico-financeira e a gestão de recursos da empresa.

4.1 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

As demonstrações contábeis da empresa analisada foram retiradas do *site* da BM&FBovespa, e complementadas com as informações disponíveis no *site* da própria empresa. Seguem-se o Balanço Patrimonial (na Tabela 1, o Ativo da Controladora; e na Tabela 2, o Passivo da Controladora) e a Demonstração do Resultado do Exercício (Tabela 3) de forma sintética.

Tabela 1 - Balanço Patrimonial - Ativo da Controladora (Milhares reais)

	31/12/12	31/12/11	31/12/10
ATIVO TOTAL	956.390	930.815	868.681
Ativo Circulante	351.858	378.160	415.496
Disponível	101.560	76.891	156.784
Contas a Receber	82.302	156.197	119.555
Estoques	83.367	92.951	88.037
Tributos a Recuperar	29.567	10.727	13.855
Despesas Antecipadas	2.368	2.481	1.244
Outros Ativos Circulantes	52.694	38.913	36.021
Ativo Não Circulante	604.532	552.655	453.185
Realizável em Longo Prazo	118.655	69.305	40.696
Investimentos	418.711	347.135	279.960
Imobilizado	62.334	130.417	125.629
Intangíveis	4.832	5.798	6.900

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 - Balanço Patrimonial - Passivo da Controladora (Milhares de reais)

	31/12/12	31/12/11	31/12/10
PASSIVO TOTAL	956.390	930.815	868.681
Passivo Circulante	312.164	329.578	200.858
Obrigações Sociais e Trabalhistas	16.506	25.351	33.136
Fornecedores	40.742	17.059	16.584
Obrigações Fiscais	7.065	14.352	14.366
Empréstimos e Financiamentos	200.910	173.473	87.747
Debêntures	38.184	81.712	36.576
Outras Obrigações	45.326	97.764	47.535
Passivo Não Circulante	283.326	250.487	146.011
Empréstimos e Financiamentos	276.871	243.505	132.123
Debêntures	56.514	53.409	82.689
Provisões	4.107	4.712	5.516
Patrimônio Líquido	360.900	350.750	521.812

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3 - Demonstração do Resultado do Exercício da Controladora (Milhares de reais)

	31/12/12	31/12/11	31/12/10
Receita de Venda de Bens e/ou Serviços	407.643	421.501	492.756
- Custo de Bens e/ou Serviços	294.763	290.344	323.953
= Resultado Bruto	112.880	131.158	168.803
Despesas/Receitas Operacionais	22.909	20.990	53.543
Resultado antes do Resultado financeiro e dos Trib	89.971	110.168	115.260
Resultado Financeiro	40.787	47.917	1633
Resultado antes dos Tributos sobre Lucro	49.184	62.251	116.893
IR e CS sobre o Lucro	668	1.022	10.261
Resultado Líquido das Operações Continuadas	48.516	63.273	106.632
Resultado Líquido das Operações Descontinuadas	-	23.043	27.004
Lucro/Prejuízo do Período	48.516	40.230	79.628

Fonte: Elaboração própria.

A análise das demonstrações contábeis é utilizada para extrair informações dos valores nelas contidos, assim podendo auxiliar no processo de tomada de decisão. Através das análises é possível identificar as falhas da empresa, ou seja, onde a empresa deve melhorar no seu desempenho, bem como os fatores que possui mais rentabilidade e solvência para empresa.

Na empresa objeto de ilustração da presente monografia é possível verificar de forma concreta a avaliação dos dados contidos nas demonstrações contábeis. Pode-se identificar quais são os principais pontos fracos e fortes a que a empresa

está exposta para seu desenvolvimento econômico e financeiro.

4.2 ANÁLISE HORIZONTAL E VERTICAL

A análise contábil é a técnica que permite, através da utilização de instrumentos diversos, a comparação e a interpretação das demonstrações contábeis, tendo em vista avaliar o desempenho e as tendências da empresa. Essas análises são compostas basicamente pela análise vertical, análise horizontal e indicadores econômico-financeiros.

Na Tabela 4 apresentam-se os números relativos a análise vertical e horizontal do Ativo da Controladora.

Tabela 4 - Análise vertical e horizontal – Ativo da Controladora

	31/12/12			31/12/11			31/12/10	
		AV%	AH%		AV%	AH%		AV%
ATIVO TOTAL	956.390	100	2,75	930.815	100	7,15	868.681	100
Ativo Circulante	351.858	36,79	-6,96	378.160	40,63	- 8,99	415.496	47,83
Disponível	101.560	10,62	32,08	76.891	8,26	-50,96	156.784	18,05
Contas a Receber	82.302	8,61	- 47,31	156.197	16,78	30,65	119.555	13,76
Estoques	83.367	8,72	- 10,31	92.951	9,99	5,58	88.037	10,13
Tributos a Recuperar	29.567	3,09	175,62	10.727	1,15	- 22,58	13.855	1,59
Despesas Antecipadas	2.368	0,25	- 4,55	2.481	0,27	99,40	1.244	0,14
Outros Ativos Circulantes	52.694	5,51	35,42	38.913	4,18	8,03	36.021	4,15
Ativo Não Circulante	604.532	63,21	9,39	552.655	59,37	21,95	453.185	52,17
Realiz. A Longo Prazo	118.655	12,41	71,21	69.305	7,45	70,30	40.696	4,68
Investimentos	418.711	43,78	20,62	347.135	37,29	23,99	279.960	32,23
Imobilizado	62.334	6,52	-52,20	130.417	14,01	3,81	125.629	14,46
Intangíveis	4.832	0,51	-16,66	5.798	0,62	- 15,97	6.900	0,79

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 5 apresentam-se os números relativos à análise vertical e horizontal do Passivo da Controladora.

Tabela 5 - Análise vertical e horizontal - Passivo da Controladora

		31/12/12		31/12/11		31/12/10		
		AV%	AH%	AV%	AH%	AV%		
PASSIVO TOTAL	956.390	100	2,75	930.815	100	7,15	868.681	100
Passivo Circulante	312.164	32,64	- 5,28	329.578	35,41	64,09	200.858	23,12
Obrigações Sociais e Trabalhistas	16.506	1,73	- 34,89	25.351	2,72	-23,49	33.136	3,81
Fornecedores	40.742	4,26	138,83	17.059	1,83	2,87	16.584	1,91
Obrigações Fiscais	7.065	0,74	- 50,77	14.352	1,54	-0,10	14.366	1,65
Empréstimos e Financiamentos	200.910	21,01	15,82	173.473	18,64	97,70	87.747	10,10
Debêntures	38.184	3,99	-53,27	81.712	8,78	123,40	36.576	4,21
Outras Obrigações	45.326	4,74	-53,64	97.764	10,50	105,67	47.535	5,47
	283.326	29,62	13,11	250.487	26,91	71,55	146.011	16,81
Empréstimos e Financiamentos	276.871	28,95	13,70	243.505	26,16	84,30	132.123	15,21
Debêntures	56.514	5,91	5,81	53.409	5,74	-35,41	82.689	9,52
Provisões	4.107	0,43	-12,85	4.712	0,51	-14,56	5.516	0,63
	360.900	37,74	2,89	350.750	37,68	-32,78	521.812	60,07

Fonte: Elaboração própria.

A função da análise vertical é verificar o peso de uma conta em relação ao todo e estabelecer índices comparativos entre os períodos estudados, já a análise horizontal visa estabelecer índices comparativos entre os períodos estudados. E após análises feitas na empresa, foram encontrados os seguintes resultados, conforme os dados abaixo.

Na análise dos índices horizontais pode-se constatar que ao longo do período a empresa perdeu liquidez de forma considerável, o que pode ser considerado como uma estratégia delicada, uma vez que pode influenciar na estrutura e forma de liquidação de dívidas e despesas. Outro ponto desfavorável foi o aumento dos fornecedores, que de 2011 para 2012 teve um aumento significativo. Porém, o passivo circulante teve uma queda significativa, devido a diminuição das obrigações fiscais e obrigações sociais e trabalhistas.

Na Tabela 6 apresentam-se os números relativos a análise vertical e horizontal da Demonstração do Resultado Exercício da Controladora.

Tabela 6 - Análise vertical e horizontal da Demonstração do Resultado do Exercício

	31/12/12			31/12/11			31/12/10	
		AV%	AH%		AV%	AH%		AV%
Receita de Venda	407.643	100	- 3,29	421.501	100	14,46	492.756	100
Custo de Bens ou Serv	-	-	-	-	-	-	-	-
	294.763	72,31	1,52	290.344	68,88	10,37	-323.953	65,74
Resultado Bruto	112.880	27,69	13,94	131.158	31,12	22,30	168.803	34,26
Despesas/Receitas Operacionais	-22.909	5,62	9,14	-20.990	4,98	60,80	-53.543	10,87
Resultado dos Trib.	89.971	22,07	18,33	110.168	26,14	4,42	115.260	23,39
Resultado Financeiro	-40.787	10,01	14,88	-47.917	11,37	3.034,71	1.633	0,33
Resultado antes dos Trib. s/ Lucro	49.184	12,07	20,99	62.251	14,77	46,75	116.893	23,72
IR e CS sobre o Lucro	-668	0,16	165,36	1.022	0,24	109,96	-10.261	2,08
Resultado Líquido das Operações	48.516	11,90	23,32	63.273	15,01	40,66	106.632	21,64
Resultado Liq. Operações Desc.				23.043	5,47	14,67	27.004	5,48
Lucro/Prejuízo do Período	48.516	11,90	20,60	40.230	9,54	49,48	79.628	16,16

Fonte: Elaboração própria.

4.3 ANÁLISE DOS ÍNDICES

Essa análise evidencia a relação entre contas ou grupo de contas com objetivo de detectar sua relativa situação econômico financeira e auxiliar no processo decisório da entidade. É composta por análise financeira, análise de estrutura e análise econômica.

4.3.1 Análise Financeira

A liquidez é a capacidade que a empresa tem de pagar os compromissos assumidos de curto/longo prazo. A análise de liquidez é obtida através de quocientes, e relacionam os bens e os direitos da empresa por intermédio de uma operação de divisão, ou seja, mede o quanto à empresa tem para cada unidade monetária que ela deve.

Na Tabela 7, mostram-se os cálculos da análise financeira da empresa objeto de estudo.

Tabela 7 – Análise financeira

Grupo	Denominação	Fórmulas	2012	2011	2010
Análise Financeira	Liquidez Imediata	<u>Disponível</u>	0,33	0,23	0,78
		Passivo Circulante			
	Liquidez Seca	<u>Ativo Circulante - Estoques</u>	0,06	0,87	1,63
		Passivo Circulante			
	Liquidez Corrente	<u>Ativo Circulante</u>	1,13	1,15	2,07
		Passivo Circulante			
	Liquidez Geral	<u>Ativo Circulante + R.L.P.</u>	0,79	0,77	1,32
		Passivo Circulante + E.L.P			

Fonte: Elaboração própria.

São utilizados basicamente quatro tipos de índices, liquidez imediata; liquidez corrente; liquidez seca; liquidez geral, e suas interpretações diferem conforme variações proporcionadas pelos recursos empregados.

4.3.1.1 Liquidez Imediata

A Liquidez Imediata mede a capacidade da empresa pagar as obrigações de curto prazo, com disponibilidades de caixa, bancos e aplicações financeiras que podem ser utilizados imediatamente para liquidar uma dívida.

A Forja Taurus, em 2010, não possuía capital disponível suficiente para liquidar seus compromissos de curto prazo, ou seja, de cada um R\$ 1,00 de dívida, havia R\$ 0,78 de saldo. Em 2011 houve um decréscimo desse potencial para R\$ 0,23, e por último apresentando um índice de R\$ 0,33 em 2012. Observa-se que o pior índice foi em 2011, que para cada R\$ 1,00 de dívida a empresa apresentou R\$ 0,23 de recurso disponível.

4.3.1.2 Liquidez Seca

A Liquidez Seca mede a capacidade de pagamento da empresa sem usar seus estoques. Ela é muito semelhante a liquidez Corrente, a única diferença é que exclui os estoques do ativo circulante, por ser o ativo de menor liquidez.

A Forja Taurus, em 2010 apresentou um índice favorável para liquidação de suas dívidas de curto prazo sem utilizar seus estoques, no entanto, nos anos

posteriores, apresentou uma queda significativa nos índices, em 2012 foi o pior índice, para cada R\$ 1,00 de dívida a empresa tinha R\$ 0,06 de recursos, ou seja, a empresa não poderá honrar com seus compromissos de curto prazo se não utilizar seu estoque.

4.3.1.3 Liquidez Corrente

A Liquidez Corrente mostra a capacidade de pagar as dívidas circulantes considerando recursos aplicados no Ativo Circulante, isto é, este índice indica quanto a empresa possui no Ativo Circulante para cada \$1,00 de Passivo Circulante, verificando assim a disponibilidade da empresa em vencer as obrigações de curto prazo.

A Forjas Taurus apresentou em 2010 seu maior índice de folga financeira, porque para cada R\$ 1,00 de dívida havia R\$ 2,07 de recursos disponíveis no Ativo Circulante. Nos anos seguintes houve uma queda nos valores desse índice, porém ainda assim o Ativo Circulante se mostrou superior às dívidas junto a terceiros, o que significa que os investimentos no Ativo Circulante eram suficientes para cobrir as dívidas de curto prazo.

4.3.1.4 Liquidez Geral

Este indicador mede a capacidade de pagamento no curto e longo prazo, sendo avaliada considerando todos os recursos aplicados no ativo circulante e realizável em Longo Prazo; ou seja, indica quanto a empresa possui no Ativo Circulante e Realizável em Longo Prazo para cada R\$1,00 de dívida.

Nos períodos analisados, somente em 2010 a empresa demonstra folga financeira nos recursos circulantes, e os índices vêm diminuindo nos anos posteriores, em 2011 apresentou R\$ 0,77, e em 2012 R\$ 0,79 demonstrando dessa forma uma situação financeira declinante. Ou seja, somente em 2010 a empresa teria recursos suficientes para liquidar suas obrigações de curto e longo prazo, no entanto, nos dois últimos anos, a empresa não teria recursos suficientes para honrar com seus compromissos de curto e longo prazo.

4.3.1.5 Conclusão da análise financeira

A análise através dos índices tem como objetivo conhecer nos períodos estudados, o potencial da Forjas Taurus para liquidar suas obrigações com terceiros levando-se em conta que o valor encontrado representa o valor disponível para saldar cada real de obrigações e que quanto maior o valor, melhor é a base financeira da empresa, porém isso não significa necessariamente que a empresa está pagando suas dívidas em dia em função de outras variáveis como prazo e renovação de dívidas.

Dos quocientes de liquidez analisados (liquidez imediata, corrente, seca e geral), o que apresentou os menores valores foi o de liquidez imediata nos três anos, apresentando um percentual abaixo do recomendável, porém isso não significa necessariamente a perda da margem de segurança financeira a longo prazo, que está sendo suportada ou compensada por outros índices. Os melhores valores encontrados foram para o índice de liquidez corrente, que obteve valores consideráveis em todos os períodos, o que comprova um nível de capital circulante líquido positivo, ou seja, maior que o passivo circulante.

4.3.2 Análise estrutural

Os quocientes desse grupo de índices servem para evidenciar o grau de endividamento da empresa em decorrência das origens e aplicações de recursos, demonstrando a proporção entre os capitais próprios e os capitais de terceiros. Na Tabela 8, evidencia-se a análise estrutural da empresa objeto de estudo.

Tabela 8 – Análise estrutural

Análise Estrutural	Participação do Capital de Terceiros	<u>Capital de Terceiros</u>	165,00%	165,38%	66,47%
		Patrimônio Líquido			
	Composição de Exigibilidade	<u>Passivo Circulante</u>	52,42%	56,82%	57,91%
		Capital de Terceiros			
	Imobilização de Recursos Próprios	<u>Ativo Permanente</u>			
		Patrimônio Líquido	134,63%	137,80%	79,05%

Fonte: Elaboração própria.

4.3.2.1 Participação de capital de terceiros

Este índice demonstra quanto à empresa utiliza de capitais de terceiros para cada real de capital próprio.

A Forjas Taurus vêm apresentando aumento da dependência financeira junto a credores. Em 2010 para cada R\$100 de capital próprio investido na empresa, havia R\$66,47 de capital de terceiros, porém em 2011 houve aumento desse valor para R\$165,38 e em 2012 a empresa permaneceu praticamente no mesmo patamar de participação de capital de terceiro. Somente em 2010 que a empresa apresentou menos dependência de capital de terceiros.

4.3.2.2 Composição do endividamento

Este índice, também conhecido como índice de endividamento, mostra a proporção existente entre as obrigações de curto prazo e as obrigações totais, ou seja, demonstra se a empresa terá a necessidade ou não de gerar recursos em curto prazo para saldar os seus compromissos.

A Forjas Taurus, tinha em 2010, 57,10% de suas dívidas vencíveis em curto prazo, reduzindo esse índice para 56,82% em 2011, e finalizando em 2012 no percentual de 52,42% , o que evidencia uma melhora no perfil da dívida com o aumento da proporção de capitais de terceiros a curto prazo.

4.3.2.3 Imobilização dos recursos não correntes

Este índice, também denominado de imobilização do patrimônio líquido, demonstra qual o percentual desse patrimônio é utilizada para financiar a compra do ativo permanente. Demonstra também a existência ou não de capital circulante próprio positivo, representando a parte dos capitais próprios investido no ativo circulante e no realizável a longo prazo.

A Forjas Taurus, investiu em 2010, 79,05% de seus recursos próprios no ativo permanente. No exercício seguinte houve um aumento significativo no percentual do ativo permanente para 137,80%. Em 2012 houve uma leve queda das imobilizações dos recursos próprios para 134,63%. Ou seja, a empresa está submetida a um risco

de capital líquido, investiu muito recurso em imobilizado e por isso apresenta queda de liquidez.

4.3.2.4 Conclusão da análise estrutural

Quanto à análise estrutural, a Forjas Taurus aumentou a dependência de capitais de terceiros nos últimos dois anos. Com relação à imobilização dos recursos próprios, a empresa apresenta um risco de capital líquido, pois nos dois últimos anos os índices de imobilização foi bastante elevados. O nível de capitalização foi maior para o ano de 2011, mas posteriormente passando de 48,49% em 2011 para 37,71% em 2012, o que evidencia um aumento de capitais de terceiros.

4.3.3 Análise econômica

Os índices desse grupo permitem visualizar a rentabilidade dos capitais investidos pela empresa, relevando assim quanto renderam os investimentos e qual o grau de êxito econômico da empresa. Sendo assim, quanto maior o percentual desses índices, melhor será para a empresa.

Na Tabela 9, demonstra-se a análise econômica da empresa objeto de estudo, para ilustrar o tópico.

Tabela 9 – Análise econômica

Análise Econômica	Margem Líquida	<u>Lucro Líquido</u>	11,90%	9,54%	16,16%
		Vendas Líquidas			
	Rentabilidade do Ativo	<u>Lucro Líquido</u>	5,14%	4,47%	
		Ativo Médio			
	Rentabilidade do Patrimônio Líquido	<u>Lucro Líquido</u>	13,63%	9,22%	
		Patrimônio Líquido Médio			
Produtividade	<u>Vendas Líquidas</u>	0,43	0,47		
	Ativo Médio				

Fonte: Elaboração própria.

4.3.3.1 Margem líquida

Este índice indica quanto à empresa obteve de lucro para cada R\$100 vendidos.

Observa-se que no caso da Forjas Taurus houve uma queda significativa da margem líquida de 16,16% em 2010 para 9,54% em 2011, em função da queda das vendas. Já em 2012, teve um leve aumento para 11,90%. Isto significa que a empresa auferiu menor lucro em 2011, ou seja, obteve um ganho menor por unidade vendida. Para cada R\$100 vendidos obteve R\$ 9,54% de lucro.

4.3.3.2 Rentabilidade do ativo

Este índice mostra quanto à empresa obteve de Lucro Líquido em relação ao Ativo Médio. Ele mede o desempenho da empresa e sua capacidade em gerar lucro líquido e assim capitalizar-se.

A Forjas Taurus embora tenha tido um aumento de sua rentabilidade do Ativo de um ano para outro, em 2011 para cada R\$ 100,00 investidos, a empresa obteve 4,47% de ganho e em 2012, 5,14%.

4.3.3.3 Rentabilidade do patrimônio líquido

Este índice mede a rentabilidade do capital próprio, ou seja, quanto à empresa obteve de lucro para cada R\$100 de Capital Próprio investido.

Em 2011 a empresa rendeu R\$ 9,22 para cada R\$100 de Capital Próprio investido, ou seja, rendeu uma taxa de 9,22%,. Em 2012, entretanto ocorreu um aumento na rentabilidade da empresa que passou a ser de 13,63%.

4.3.3.4 Giro do ativo

Representa quanto à empresa vendeu para cada R\$ 1,00 de investimento total. A empresa vendeu em 2011 R\$0,47 para cada R\$1,00 e em 2012 houve uma queda do volume relativo de vendas: para cada R\$1,00 investido a empresa vendeu R\$0,43, ou seja, as vendas atingiram em 0,43 vezes o volume de investimentos.

4.3.3.5 Conclusão da análise econômica

No que se refere à análise econômica, a empresa apresentou margem líquida positiva durante os períodos, embora tenha tido oscilações primeiro para menos,

depois para mais. A rentabilidade do ativo teve uma leve oscilação para mais em 2012, junto com o aumento da rentabilidade do patrimônio líquido. Quanto ao potencial do giro do ativo, o índice demonstra que houve uma leve queda na produtividade da empresa em 2012, mostra que a empresa está abaixo do retorno de 100% do ativo investido.

4.4 CICLOMETRIA E CICLOS

4.4.1 Ciclotmetria

A partir de informações coletadas do Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado do Exercício referentes aos anos de 2010, 2011 e 2012, foi calculado o ciclo de renovação dos elementos patrimoniais da Forjas Taurus. Utilizou-se a ciclotmetria como ferramenta para esses cálculos, determinando os prazos de recebimento, pagamento e renovação do estoque.

4.4.1.1 Prazo médio de vendas

Os índices de prazos médios devem ser analisados sempre em conjunto e permitem ao gestor definir estratégias relacionadas aos prazos de compra, venda e estocagem das mercadorias ou produtos.

Na Tabela 10, apresentam-se os cálculos de prazo médio de vendas da empresa objeto de estudo.

Tabela 10 – Prazo médio de vendas

	2011	2012
Estoque Final	28.294	30.102
CPA	289.089	296.571
Estoque Inicial	27.039	28.294
CPV	290.344	294.763

Fonte: Elaboração própria.

4.4.1.2 Prazo médio de compras

Na Tabela 11, mostra-se o cálculo do prazo médio de compras da empresa objeto de estudo.

Tabela 11 – Prazo médio de compras

		2011	2012
MAP	-	113.522	114.499
Estoque Inicial		11.768	12.809
Compras Liq.	-	112.480	116.193
Estoque Final		12.809	14.503

Fonte:Elaboração própria

4.4.1.3 Prazo médio de estoque

Na Tabela 12, apresenta-se o cálculo do prazo médio de estoque da empresa objeto de estudo.

Tabela 12 – Prazo médio de estoque

		2011	2012
Estoque Inicial		11.768	12.809
Estoque Final		12.809	14.503
Tempo		360	360
MAP	-	113.522	114.499
RB - DevA		421.501	407.643
PMEmp	10		12

Fonte: Elaboração própria

4.4.2 Ciclos

4.4.2.1 Ciclo financeiro

A interpretação desse ciclo, e o tempo entre o pagamento a fornecedores e o recebimento das vendas, quanto maior for o domínio de negociação da empresa em relação aos fornecedores, menor o ciclo financeiro. No Quadro 3, evidencia-se o cálculo do ciclo financeiro da empresa objeto de estudo.

Quadro 3 – Ciclo financeiro

Ciclo Financeiro	
Ciclo Fin. = Ciclo Oper. – PMEdpg	
2010/2011	171
2011/2012	150

Fonte:Elaboração própria.

4.4.2.2 Ciclo Econômico

O ciclo econômico é o tempo em que a mercadoria permanece no estoque. Considera-se o momento em que adquire o produto até o momento da venda, no entanto, não leva em consideração o recebimento da venda desses produtos. No Quadro 4, apresenta-se o cálculo do ciclo econômico da empresa objeto de estudo.

Quadro 4 – Ciclo Econômico

Ciclo Econômico	
Ciclo Prod. = P _{MEmp} + P _{MEpe} + P _{MEpa}	
2010/2011	68
2011/2012	70

Fonte: Elaboração própria.

4.4.2.3 Ciclo Operacional

O ciclo operacional é o período entre a data da compra até o recebimento do cliente. No Quadro 5, mostram-se os cálculos do ciclo operacional da empresa objeto de estudo.

Quadro 5 – Ciclo Operacional

Ciclo Operacional	
Ciclo Oper. = Ciclo Prod. + P _{MEdr}	
2010/2011	185
2011/2012	175

Fonte: Elaboração própria.

Analisando os cálculos da Forjas Taurus, é possível verificar que a empresa, apesar de ter tido um leve aumento no prazo de produtos acabados, conseguiu otimizar o prazo de pagamento em 12 dias, conseguiu também melhorar o prazo de recebimento dos clientes, diminuindo este prazo em 13 dias.

O impacto foi que o ciclo de produção variou aumentando em 2 dias, aumentando de 68 dias, em 2011, para 70 dias no ano de 2012. Já o ciclo operacional variou de forma que diminuiu de 185 dias, em 2011, para 175 dias em

2012. E o ciclo financeiro variou de 171 dias no ano de 2011 tendo uma queda no ano de 2012 para 150 dias.

Portanto, pode se concluir que, apesar das melhorias quanto aos prazos de pagamento e recebimento, o maior problema da Forjas Taurus ainda é o ciclo financeiro demasiadamente longo. Apesar de ter diminuído 21 dias em relação ao ano anterior no período analisado, a empresa ainda necessita se financiar durante um período razoável sem a ajuda dos fornecedores, fazendo com que a empresa tenha que se manter com recursos próprios ou, se necessário, recorrer a recursos de terceiros para financiar seu ciclo operacional, uma vez que o prazo de recebimento dos clientes continua a acontecer após o prazo de pagamento dos fornecedores.

O financiamento com recursos de terceiros provoca um aumento nos custos de oportunidade sobre o capital próprio e custos financeiros sobre os passivos onerosos, prejudicando a rentabilidade da empresa.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Neste capítulo apresentam-se as conclusões do estudo realizado e recomendações para futuras pesquisas referente ao tema investigado.

5.1 CONCLUSÕES

A análise das demonstrações contábeis da companhia Forjas Taurus, demonstra que é uma empresa não sólida em sua estrutura econômico-financeira pelos seus índices de liquidez que demonstram em sua maioria, índices abaixo de uma margem de segurança. Porém, o capital circulante líquido demonstrou-se positivo em relação ao passivo circulante, demonstrando assim o potencial da empresa em financiar o ciclo operacional em quase toda sua totalidade sem grandes necessidades de tomar capitais de terceiros para cada R\$100 de capitais próprios.

No que se refere à rentabilidade, os rendimentos da empresa apresentaram um aumento de 2011 para 2012, o que denota um aumento do grau de êxito econômico.

Analisando-se os cálculos da Forjas Taurus é possível verificar que a empresa, apesar de ter tido um leve aumento no prazo de produtos acabados, conseguiu aperfeiçoar o prazo de pagamento em 12 dias, e melhorar o prazo de recebimento dos clientes. O impacto foi que o ciclo de produção variou aumentando em dois dias e o ciclo operacional variou de forma que diminuiu em dez dias de 2011 para 2012.

O ciclo financeiro variou de 171 dias no ano de 2011 tendo uma queda no ano de 2012 em 21 dias. Com base nisso, conclui-se que, apesar das melhorias quanto aos prazos de pagamento e recebimento, o maior problema da Forjas Taurus ainda é o ciclo financeiro, demasiadamente longo. Apesar de ter diminuído 21 dias em relação ao ano anterior no período analisado, a empresa ainda necessita se financiar durante um período razoável sem a ajuda dos fornecedores, uma vez que o prazo de recebimento dos clientes continua a acontecer após o prazo de pagamento dos fornecedores.

Pelo estudo realizado, é possível identificar a importância da utilização de uma ferramenta na contabilidade, a econômico-financeira. Com ela é possível ter um gerenciamento mais eficaz, principalmente no âmbito de tomada de decisões. A

principal importância da análise é o acompanhamento da evolução dos resultados obtidos. A partir daí, tem-se uma visão real das operações e do patrimônio empresarial, podendo-se, assim, tomar medidas de correção nos aspectos necessários observados na companhia.

5.2 RECOMENDAÇÕES

A pesquisa compreendeu uma pesquisa com revisão teórica para evidenciar os principais tipos de análises das demonstrações contábeis. Além disso, o estudo foi pautado na análise das demonstrações da empresa Forjas Taurus S/A.

Recomenda-se para futuras pesquisas aumentar o tamanho da amostra, por exemplo, aplicar as técnicas de análise das demonstrações contábeis em outros ramos de negócios, dessa forma obter mais resultados com relação à importância da análise aos demais ramos de atividades.

REFERÊNCIAS

- ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços**: um enfoque financeiro. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações contábeis**: estrutura, análise e interpretações. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- FRANCO, Hilário. **Estrutura, análise e interpretação de balanços**: de acordo com a nova lei das S/A, Lei 6.404 de 15/12/1976. 15. ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONCALVES, Constantino de Gaspari. **Análise dos resultados das organizações considerando seu ciclo financeiro**. 1. Ed. São Paulo. Fafiman, 2012.
- HOJI, Masakasu. **Praticas de tesouraria**. São Paulo: Atlas, 2001.
- IUDICIBUS, Sérgio. **Análise de balanços**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- IUDICIBUS, Sérgio. **Contabilidade Gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- LONGARAY, André Andrade; BEUREN, Ilse Maria. Caracterização da pesquisa em contabilidade. In: BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004. pp 21-45.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 1990.
- MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise Financeira de Balanços**: abordagem básica e gerencial. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- PEREZ JUNIOR, Jose Hernandez, BEGGALI, Glaucos Antonio. **Elaboração das demonstrações contábeis**. São Paulo: Atlas, 1999.
- RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004. pp 76-97.
- REIS, Arnaldo Carlos de Rezende. **Demonstrações Contábeis**: estruturas e análises. São Paulo: Saraiva, 2003.

SILVA, José Pereira da. **Análise financeira das empresas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

SILVEIRA, Amélia (coord). **Roteiro básico para apresentação e editoração de teses, dissertações e monografias**. 2. ed. Blumenau: Edifurb, 2004

WALTER, Milton Augusto; BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações Financeiras: Um Enfoque Gerencial**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

ZANLUCA, Jonatan de Sousa. **Ciclos econômico, operacional e financeiro**. Disponível em: <<http://www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/ciclos.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2014.